Volume 22 Issue 32
Originally issued as D1

Global Journal of human-social science: D
History, Archaeology & Anthropology
Volume 22 Issue 1 Version 1.0 Year 2022
Type: Double Blind Peer Reviewed International Research Journal
Publisher: Global Journals
Online ISSN: 2249-460X & Print ISSN: 0975-587X

Cultura Durante a Ditadura Iniciada em 1964

By Prof. Severino Vicente da Silva

Universidade Federal de Sergipe

Introduction- Agora é o tempo de tudo, de tudo fazer, de tudo lembrar, de tudo esquecer e, porque não? de tudo refazer. Alguns estão a celebrar, outros dizem que apenas querem lembrar, mas há quem queira refazer os acontecimentos de 1964 e dos anos seguintes. O tempo foi passado, alguns dos personagens já morreram; os vivos, especialmente os mais vivos, ou seja, aqueles que não perdem oportunidade de aderir a qualquer governo ou sistema do qual tirem vantagem pessoal, apressam-se a reviver o que não viveram. A cada dia uma nova história é contada para explicar como nós chegamos até aqui. Foram muitos passos realizados naquele período, nem todos estão registrados, e mesmo os que foram registrados e guardados em malas, caixas de famílias ou arquivos de acordo com os padrões estabelecidos pela ciência, grande parte está intacta, esperando serem destruídos ou lidos e analisados.[1] E tem uma parte da parte já tocada e conhecida: é a história contada pela boca de quem tocou nos documentos e pensou, a seu modo, os segredos que julga ter desvendado. Só com o conhecimento desses segredos, junto com outros segredos guardados em muitas memórias, é que poderemos saber o que aconteceu conosco, enquanto indivíduos, enquanto grupo social, enquanto sociedade que construiu, viveu e superou a ditadura.

GJHSS-D Classification: 200299



Strictly as per the compliance and regulations of:

© 2022. Prof. Severino Vicente da Silva. This research/review article is distributed under the terms of the Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0). You must give appropriate credit to authors and reference this article if parts of the article are reproduced in any manner. Applicable licensing terms are at https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/.

Cultura Durante a Ditadura Iniciada em 1964[1]

Prof. Severino Vicente da Silva

I. Introduction

Agora é o tempo de tudo, de tudo fazer, de tudo lembrar, de tudo esquecer e, porque não? de tudo refazer. Alguns estão a celebrar, outros dizem que apenas querem lembrar, mas há quem queira refazer os acontecimentos de 1964 e dos anos seguintes. O tempo foi passado, alguns dos personagens já morreram; os vivos, especialmente os mais vivos, ou seja, aqueles que não perdem oportunidade de aderir a qualquer governo ou sistema do qual tirem vantagem pessoal, apressam-se a reviver o que não viveram. A cada dia uma nova história é contada para explicar como nós chegamos até aqui. Foram muitos passos realizados naquele período, nem todos estão registrados, e mesmo os que foram registrados e guardados em malas, caixas de famílias ou arquivos de acordo com os padrões estabelecidos pela ciência, grande parte está intacta, esperando serem destruídos ou lidos e analisados.[1] E tem uma parte da parte já tocada e conhecida: é a história contada pela boca de quem tocou nos documentos e pensou, a seu modo, os segredos que julga ter desvendado. Só com o conhecimento desses segredos, junto com outros segredos guardados em muitas memórias, é que poderemos saber o que aconteceu conosco, enquanto indivíduos, enquanto grupo social, enquanto sociedade que construiu, viveu e superou a ditadura.

Desde tempos mais antigos os povos contavam para si mesmo as suas experiências, assim transmitiam os conhecimentos adquiridos, formavam o que chamamos de cultura, tornando coletivo o que cada havia experimentado. O conjunto de palavras desse escrito é continuação de uma tradição antiga: sentar em torno de uma fogueira para aquecer os corpos e fortalecer a memória. Ao longo da história de nossa humanidade, nos sentamos em torno do fogo para ouvir a memória dos mais velhos, para atiçar as brasas de suas lembranças, retirando as cinzas que as encobre, cinzas que fazem esquecer, e o esquecimento pode levar à morte cultural de um grupo ao perder uma de suas experiências. Os mais jovens, com suas perguntas, auxiliam os mais velhos a aprender com a vida que viveram.

Lendo o que hoje se escreve sobre 1964 e as duas décadas que se seguiram, notamos que estão dando importância maior apenas aos que fizeram atos heroicos que foram amplamente registrados por amigos, pelos partidos políticos e familiares dos heróis, aqueles que foram contemporâneos dos fatos ou herdeiros deles. Nos tempos de hoje há os que ainda estão vivos e há os que já morreram; entre os vivos e os mortos há os que deixaram herdeiros, e esses são muito falados; e há os que não deixaram herdeiros e pouco deles se fala, e se escreve sobre eles. E há alguns que morreram e seus herdeiros não sabiam ler, escrever, guardar documentos, desses, talvez, saberemos seus nomes e mais nada. Sabemos menos daqueles que não herdaram o poder do estado que combatiam, sabemos mais dos que herdaram o estado que combatiam, mas esses também fazem escolhas de suas memórias. A memória quando lembra algo também esquece o que lhe interessa o silêncio.

Embora muitos queiram e se esforçam para negar, a sociedade brasileira quis o golpe de estado ocorrido em 1964. Poucos se opuseram ao golpe explicitado pelos militares, mas apoiado por governadores e instituições sociais de interesses econômicos, políticos e religiosos. Ao impor seus interesses à sociedade, prejudicaram a muitos, e os mais prejudicados pelas ações dos novos governantes não podem reclamar, nunca puderam. Os golpistas tinham ciência do mal que estava atingindo a todos. Os intelectuais, os que participaram ativamente do golpe e os que sofreram as ações dos novos senhores do poder, tinham essa consciência de que algo havia mudado nas relações do Estado com os setores da cultura e tomaram atitudes naqueles anos de medo e de chumbo: alguns atuaram para garantir o retorno do tempo do silêncio que vinha sendo rompido desde o início dos anos cinquenta - eram os saudosistas do Estado Novo, com o qual colaboram; outros agiram para resistir e recriar, é melhor dizer, criar em uma nova situação, pois, se na natureza tudo se transforma, na sociedade nada se recria.

II. O Terror Intelectual

O ambiente cultural vivido após abril de 1964 tem várias marcas, e uma delas é o "terrorismo cultural". Embora Nelson Werneck Sodré, em 1965, tenha escrito na Revista da Civilização Brasileira artigo

Author: Ph.D, Professor Associado do Departamento de História da UFPE; Sócio da Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina –CEHILA, membro do Colegiado doo Mestrado de História da Universidade Federal de Sergipe, UFS; Membro do Instituto Histórico de Olinda. e-mail: severino.vicente@gmail.com

[1] Este texto foi produzido a partir de palestra proferida na celebração do 35º ano da Associação dos Docentes da UFEPE, ADUFEPE, no dia 29 de abril de 2014

© 2022 Global Journals

intitulado *Terrorismo cultural*[2], a expressão foi cunhada pelo pensador católico Alceu de Amoroso Lima, como diz o historiador: *indignado com as perseguições no meio universitário e as demissões de Celso Furtado, Anísio Teixeira e Josué de Castro dos seus postos públicos, quem forjou a senha inicial para resistência intelectual ao regime...* [3]. Desde os primeiros dias daquele regime que pôs os militares no governo da nação, a sensibilidade daquele intelectual sentiu que era necessário dizer o que estava ocorrendo, correr o risco de pensar sobre a sociedade e a ela dizer o que ela estava a fazer consigo, auxiliar a esclarecer o momento que ela vivia. A cultura é a reflexão sobre os atos humanos. "Intelectual" é conceito decorrente da conduta de Emile Zola (1840-1820), em apontar a sociedade de seus erros correndo risco ao defendê-la.

Como sabemos, nos primeiros dias da ditadura, seus líderes afirmavam, no jargão próprio do período conhecido por Guerra fria, que o golpe de 1964 foi realizado para evitar o comunismo viesse a dominar o Brasil. Mas, se olharmos com atenção, em Pernambuco foram presos poucos comunistas, como nos relata Fernando Coelho:

> *Dos líderes comunistas de expressão, após o golpe, em Pernambuco, além de intelectuais como Paulo Cavalcanti e Abelardo da Hora, somente Gregório Bezerra foi preso. A repressão inicial atingiu, principalmente, as lideranças dos movimentos populares e sindicais, a universidade e a chamada esquerda católica, além de políticos ligados ao governo deposto. (...) a falta de comunistas, os sindicalistas, os intelectuais ou assim considerados e os "cristãos progressistas", entre os quais um número relativamente grande de eclesiásticos, pagaram as custas da febre policial dos primeiros dias"*[4]

Veja que o autor que nos socorre não diz, explicitamente, que Paulo Cavalcanti e Abelardo da Hora são comunistas, ele prefere, escolhe, defini-los como "intelectuais". Ali já está mencionada a presença de intelectuais aprisionados pelo regime que está iniciando. Outros foram encarcerados nas semanas seguintes. Assim foi sendo montado o cenário que a sociedade escolheu, talvez por engano; os civis que auxiliaram a criar o ambiente para os militares imaginavam que os militares voltariam para os quartéis, como sempre haviam feito ao longo da República, pois foi assim com os dois primeiros presidentes, os marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, ocorreu o mesmo com Hermes da Fonseca e na dita revolução de 1930, quando entregaram o poder a Getúlio Vargas, e , mais recentemente quando forçaram a criação de um parlamentarismo após evitar a posse de João Goulart em 1961. Mas era outra a conjuntura de meados dos anos sessenta, com os militares formados na Escola Superior de Guerra, criada após o final da Grande Guerra.[5] Vivia-se o tempo da Guerra Fria e eram muitos os que formavam o grupo dos que cultivavam o temor de que os acontecimentos cubanos[6] e a república sindicalista argentina viessem a se repetir nos demais países da América Latina; talvez por isso, as igrejas se uniram aos empresários. Poderíamos continuar a buscar as razões para explicar os acontecimentos de 1964 até encontrarmos uma resposta que caiba em nossa ansiedade e nos acalme. Mas é importante lembrar que os líderes da dita Revolução, tiveram medo dos intelectuais.

É a cultura que nos envolve e nos molda, e as nossas ações reforçam os padrões ou indicam caminhos para novos padrões. Os intelectuais, esses homens e mulheres que cuidam de refletir sobre essa cultura que nos envolve podem nos ajudar a compreender o fazemos de nós mesmo, e parece ter sido este o grande temor daqueles que, pelas armas, ajudaram a manter no poder os grupos que de lá não queriam sair tangidos pelo avanço de novos grupos sociais na direção do saber e da cultura que entendiam dever ser mantida ao serviço e prazer dos poderosos de sempre. Mas, se os militares temiam os intelectuais, não temiam a todos, pois alguns estão sempre ao serviço do poder de então.

A cultura pode ser definida amplamente como tudo que os homens criam com suas mentes, com suas mãos e todo o seu corpo no contato com a natureza e nas relações com os seus semelhantes. Mas esse conceito antropológico é tão amplo que pode empobrecer nosso debate. Podemos ampliar nossa conversa ao dizer que a cultura é o resultado da reflexão e ação dos humanos sobre a natureza e a reflexão sobre os resultados. A cultura é a reflexão sobre si mesmo e sobre as ações humanas, e isso toma muito tempo. Do aparecimento do homem até a invenção do fogo e dos códigos mínimos de comunicação correram alguns milênios. Alguns milênios foram necessários para a invenção dos símbolos, das mitologias, da arquitetura, da engenharia de controle das águas, da engenharia social na organização das crenças, dos grupos sociais familiares até o estado. Leva tempo, também, criar novas expressões culturais após um cataclismo social, como o que ocorreu com o

[2] Revista da Civilização Brasileira, maio de 1965, apud NAPOLITANO, Marcos. *1964, História do Regime Militar Brasileiro.* São Paulo: Editora Contexto, 2014.

[3] NAPOLITANO, Marcos. opus cit. P 206.

[4] Coelho, Fernando. COELHO, Fernando. *Direita, Volver: O Golpe de 1964 em Pernambuco.* Recife: Editora Bagaço, 2004. P189, nota 2

[5] criada em agosto de 1949 pela Lei 785/49, é o Instituto de Altos Estudos de Política, Defesa e Estratégia, integrante do Ministério da Defesa do Brasil. A Escola destina-se a desenvolver e consolidar os conhecimentos necessários ao exercício de funções de direção e assessoramento superior para o planejamento da Defesa Nacional, nela incluídos os aspectos fundamentais da Segurança e do Desenvolvimento. Wilkipedia, visto em 11/1º/2021

[6] A Revolução Cubana definiu-se como sendo de caráter comunista e, promoveu a reforma agrária, muitas prisões e foram muitos os mortos pelos revolucionários.

© 2022 Global Journals

Brasil na década de 1960 e seguintes, além disso, esses novos símbolos carecem de tempo para serem integrados ao conhecimento e imaginário social.

Os tempos da ditadura militar foram momentos de esmagamento de algumas manifestações culturais, especialmente aquelas que eram mais representativas das mudanças sociais ocorridas na década de cinquenta que, em Pernambuco, ganharam espaço no Movimento de Cultura Popular[7]. Desde os anos quarenta que, naquele estado vinha ocorrendo a afluência de uma população carente de comida para o corpo e alimento para o seu espírito e entrava em choque com uma sociedade que tradicionalmente cultivava um conceito de cultura e de vida discriminante e excludente, uma herança da formação escravocrata da sociedade brasileira. Essa população carente buscava aprender a ler, escrever e contar o salário e a sua história. Essa era uma grande novidade nos anos sessenta, pois a industrialização agitada por Juscelino Kubistchek precisava de pessoas que soubessem ler as orientações para o uso das máquinas e escrever as notas de balcão nas casas comerciais. Mas Ler, Escrever e Contar são instrumentos de multiuso e de ampliação dos espaços e interesses. E se há uma ampliação do mundo, também há uma ampliação das linguagens e de seus usos. Os intelectuais[8] dos anos quarenta e cinquenta souberam ver, registrar e recriar as danças dramáticas do povo que vivia nas áreas rurais, mas, a partir dos anos sessenta os que formam o povo já estavam de mudança para esse outro lugar mais moderno que é o lugar das cidades. E não estou dizendo apenas a capital, mas cidades de médio e pequeno porte. E esse movimento populacional implica novos sujeitos criadores, novas expressões de reflexão sobre o mundo, agora não mais o mundo das tradições herdadas, mas o mundo de novos modalidades de trabalhos e associações a que tão sujeitos quando saem do nicho rural para ocupar áreas urbanas, com os seus desafios a serem vencidos. Os novos atores sociais foram surgindo aos poucos, agindo sobre as novidades e criando novas novidades, e surpreenderam.

Temos que tomar um ponto inicial para conversar sobre o universo cultural em Pernambuco na época de poder dos generais. Poderia começar pensando nas atividades culturais que começaram em torno da personalidade e da obra de dom Hélder Câmara. A sua presença foi incômoda para muitos políticos e homens da cultura "varandística", essa que cresceu nas varandas das casas grandes e dos sobrados. Consta que nos primeiros meses após sua chegada, em abril de 1964, o novo arcebispo promoveu vários saraus em sua casa, ainda no Palácio do Manguinhos, para conhecer os artistas pernambucanos. Era um caminho possível para conhecer o espaço cultural no qual ele foi metido abruptamente, retirado do Rio de Janeiro para cuidar do Rio Capibaribe. E para um Príncipe da Igreja, um trajeto possível era o trato com os bardos e artistas, pois eles são de conhecer a alma do povo que os rodeia. Esses encontros com a "juventude dourada", além de assegurar alguns jovens que vieram a auxiliá-lo em suas obras sociais, também valeram a crítica da sociedade mais conservadora que não entendia o que fazia um bispo sentado nos batentes do palácio madrugada adentro conversando com jovens artistas e intelectuais. Outra senda aberta pelo bispo que chegava foi a criação da Operação Esperança e dos Conselhos de Moradores nos bairros periféricos, com ela Dom Hélder atingia outro público que normalmente não tinha acesso à cultura promovida pelos artistas que participaram dos "Saraus do Manguinhos". Mas a Operação Esperança foi o caminho para que jovens universitários, das famílias melhor aquinhoadas pela história e pela economia entrassem em contato com o mundo da periferia, ensejando trocas culturais bastante vivas e fecundas com jovens que viviam no fio da navalha social.

Outro meio de iniciar nossa conversa sobre *a vida cultural, artística e política na Ditadura Militar, é olhar* os poetas da "geração 65", da qual citaremos os nomes de Alberto da Cunha Melo, Marcos Cordeiro, José Mário Rodrigues, Celina de Holanda, Roberto Aguiar, Luiz Pessoa, Jaci Bezerra, Almir Castro Barros, Montez Magno, Sérgio Bernardo, Domingos Alexandre, que cultivam uma boa relação com a Livraria Livro 7 que, por mais de duas décadas serviu de local de resistência cultural à ditadura. Para aquele espaço da Rua Sete de Setembro convergiam poetas, escritores, professores e estudantes em constante troca de informações ou, no mínimo, um contato visual entre o leitor e o autor.

Por outro lado, ocorreu a criação do Conselho Estadual de Cultura, na trilha apontada pelo Conselho Federal de Cultura, formado por representantes da elite intelectual dominante, que estabelece quais os caminhos a serem seguidos na preservação da cultura

[7] Movimento que envolveu intelectuais e jovens entusiasmados pela possibilidade de atualizar o Brasil. Movimento teve em Germano Coelho seu fundador, ele influenciado pelo pensamento social cristão/católico francês. Há uma discussão sobre a paternidade desse MCP que envolve o artista plástico Abelardo da Hora que, desde a década de 1940 atuava como animador cultural. Ele esteve presente na reunião que se decidiu a desapropriação do casarão do Sítio da Trindade, que se tornou sede do movimento. Ver: Joana Dárc de Sousa Lima, Memórias de Artistas Plásticos, suas obras e o Golpe Civil Militar em Pernambuco: uma arte bem orientada Memórias de Artistas Plásticos, suas obras e o Golpe Civil Militar em Pernambuco: uma arte bem orientada. In *Pernambuco na mira do Golpe*, vol. 1. Marcília Gama da Silva; Thiago Nunes Soares (organizadores), Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. [217-248]

[8] Cícero Dias, Gilberto Freyre, Hermilo Borba Filho, Joaquim Cardozo, Abelardo da Hora,

© 2022 Global Journals

do Estado, considerando basicamente os valores e representações do passado,[9]

A sociedade foi inventando lugares e formas de formar-se e expressar-se. Na década de sessenta um caminho possível foi o cinema: a arte de assistir, discutir e fazer. Salas de exibições eram poucas, mas o cine clubismo foi um espaço de formação que atingiu muitas localidades, além da capital. Colégios do Recife, do Agreste (Limoeiro) e da Zona da Mata Norte (Vicência) promoveram sessões[10], e algumas delas foram incentivadas por Jomard Muniz Brito, cuja alma não se aquietou após a prisão ocorrida em 1964. Ele participou ativamente do ciclo do Super 8, nos anos 70, um período que produziu cerca de 200 filmes[11], documentários sobre a vida rural, injustiças sociais, filmes experimentais abordando temas culturais urbanos. Foram realizados três festivais de Super 8 (1977, 78, 79). É nesse período que as sessões de Arte nos cines São Luiz, Coliseu, Trianon, AIP eram o consolo e o local de formação, para as novas gerações, do hábito de degustação de filmes. As manhãs de sábado eram próximas dos cinemas. O cinema foi, pois, um caminho para que jovens da classe média discutissem o mundo ao seu redor em pleno regime ditatorial. E foram muitos os resultados e vocações que se formaram a partir desses cineclubes, e também o sentimento que havia a possibilidade de compreender o mundo a partir da utilização de uma câmera que, apesar da pouca sofisticação técnica, produziu trabalhos de referência. Relacionada ao cinema, devemos lembrar a participação dos jornais no debate dessas criações, especialmente a atuação de Celso Marconi que fez a crítica de cinema no Jornal do Commercio nos anos sessenta e setenta.

A dança foi um insuspeito caminho utilizado para a criação de novas possibilidades de educação, compreensão dos sentimentos de dores e alegrias que vivia a sociedade, e o interesse pela dança pode ter acompanhado a fundação da TV Jornal do Comércio em junho de 1960. Talvez devamos chamar atenção à existência de um corpo de balé que a TV Jornal do Commercio mantinha para os programas de auditório. Mas, nessa conversa, quero tomar por base, nos aos 70, a prática do aprendizado de dança no Recife, e podemos apontar Flávia Barros com a Escola de Ballet do Recife, fundado em 1972, formando pessoas em danças clássicas, e Flávia Barros teve entre seus alunos o Fred Salim.

Valdi Coutinho, ator e crítico de arte, publicou, no livro *Palco da memória,* os artigos de sua coluna "Cena Aberta" no Diário de Pernambuco e se dá conta de que abriu espaço para grupos de dança que nasciam nos anos 70 e 80, gente como Mônica Japiassu, que coreografou *Morte Vida Severina,* e *O Capataz de Salema;* Rubem Rocha Filho, que foi o diretor de *Tempos perdidos... nossos tempos e Morte e vida Severina;* Zdenek Hampl foi o coreógrafo de *O capataz de Salema,* que teve a direção musical de José Madureira, e também coreografou *Lua Cambará,* um texto de Ronaldo Lima Brito, também o e criador de *A toda Prova;* Zumbi Bahia e Ubiracy Ferreira fundaram o Balé Primitivo de Arte Negra; Carol Lemos, Lúcia Helena, André Madureira, este o fundador do Balé Popular do Recife. A dança foi um caminho que não ficou restrito aos jovens da classe média, mas que abria espaços para a participação de jovens das periferias da cidade, estas que fizeram o crescimento populacional da cidade nas décadas de quarenta e cinquenta com a migração e que, nos setenta e oitenta já exibia jovens nascidos na capital. Cabe destacar atuação do amazonense Nascimento Filho, rebatizado Nascimento do Passo pela atuação como difusor do Passo.

Nos anos setenta, algumas novidades que vinham sendo gestadas há algum tempo, tomam forma no Movimento Armorial pensado por Ariano Suassuna e outros intelectuais/artistas como Francisco Brenand (recentemente ele negou essa aderência), Raimundo Carrero, Samico que também disse "não aderi ao movimento armorial, fui colocado nele", Ângelo Monteiro, entre outros[12], pretendendo criar uma arte erudita própria da região a partir da criatividade cultural nordestina, utilizando-se da música, da literatura, dança, teatro. Tendo sido iniciado na Pró Reitoria para assuntos Comunitários da UFPE, logo o Movimento Armorial recebeu a adesão oficial dos governos do município do Recife e do estado de Pernambuco. Desse momento inicial vieram o Balé Armorial do Nordeste, Orquestra Armorial do Nordeste, Orquestra Armorial, Quinteto Armorial. Aqui devemos recordar que Ariano Suassuna foi, em 1967, membro fundador do Conselho Federal de Cultura.

Voltemos ao depoimento de Valdi Coutinho:

> "*Nos anos 80 era muito difícil fazer um espetáculo de dança atraente para o público, que perdurasse muito tempo em cartaz, que retirasse da bilheteria o investimento financeiro. As escolas e academias lotavam as casas de espetáculo no final do ano, com familiares e amigos das garotas que se apresentavam preocupadas quase sempre em busca da*

[9] TAVARES, Rosely. Entre conciliação e acomodação: ditadura militar e a política cultural em Pernambuco entre 1975-1979 In *Pernambuco na mira do Golpe,* vol. 1. Marcília Gama da Silva; Thiago Nunes Soares (organizadores), Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. [245- 367]

[10] FIGUEREDO, Haroldo Morais. *Vigilante Cura: uma educação cinematográfica nos colégios católicos de Pernambuco, 1950-1960.* Doutorado em Educação. Recife: Centro de Educação, UFPE, 2012.

[11] NOGUEIRA, Armanda Mansur Custódio. *O novo ciclo do cinema em Pernambuco, a questão do estilo.* Dissertação de mestrado, Programa de Pós Graduação em Comunicação, Centro de Arte e Comunicação. Recife. Universidade Federal de Pernambuco, 2009. Mimeo.

[12] http://www.ufpe.br/agencia/index.php?option=com_content&view=article&id=38466:movimento--armorial-40-anos-depois-&catid=9&Itemid=73 – Agencia de notícias da UFPE -17/10/2010 visto 23/04/2014.

© 2022 Global Journals

perfeição técnica, mas sem qualquer expressividade dramática no rosto, sem dramaticidade na dança. Era um tabu para o homem estudar dança, enfrentando o preconceito do machismo, que era gritante especialmente no Nordeste. Mas isso ficou para trás, graças ao destemor de alguns que enfrentaram a discriminação mostrando que dançar era uma arte para ser exercida por ambos os sexos."[13]

E, sem dúvida, a arte teatral encontrou modos de sair do amadorismo histórico do Teatro de Amadores de Pernambuco para a profissionalização buscada por Hermilo Borba Filho desde o Teatro do Estudante até o Teatro Popular do Nordeste. O teatro foi sempre uma tradição e um local de exibição do bom gosto senhorial que, na segunda metade do século XIX fez construir o Teatro de Santa Isabel.

Mas aqui estamos conversando como se viveu a arte nos anos da Ditadura Militar e, mantendo a ideia de que podemos iniciar nossa conversa tomando por base a presença de Dom Hélder Câmara, quero destacar que em 1974, Guilherme Coelho, então postulante ao monacato beneditino e envolvido na Pastoral da Juventude, para comemorar os dez anos da Associação dos Rapazes e Moças do Amparo, ARMA, montou o espetáculo *Vivencial I*, com improvisações sobre vários textos de dramaturgos, filósofos e jornalistas. Abordando assuntos polêmicos como homossexualidade, violência, drogas, política, tecnologia e massificação. A estreia ocorreu no colégio São Bento e o público recebeu o espetáculo com estranheza e encantamento. Desalojado do São Bento, o grupo peregrinou por diversos teatros e montou vários outros espetáculos como MADALENA EM LINHA RETA, JOÃO ANDRADE EM CONVERSA DE BOTEQUIM E UM AUTO DE NATAL ainda em 1974. O PÁSSARO ENCANTADO DE UBAJABA (1975) e, no mesmo ano, montou NOS ABISMOS DA PERNAMBUCÁLIA, de Jomar Muniz Brito. Em 1976, Jomard Muniz escreveu 7 FÔLEGOS especialmente para Pernalonga. O grupo também fez a montagem de SOBRADOS E MOCAMBOS de Hermilo Borba Filho, em 1977. O grupo atuou até 1983.[14]

Várias outras experiências teatrais ocorreram no período, como a encenação da Paixão de Cristo, dirigida pelo professor Isaac Gondin Filho, em espaços ligados à diocese, mas sempre em áreas periféricas. Nesse espetáculo Jesus Cristo foi interpretado por um ator negro. Interessante notar no período o interesse pelo drama vivido por Jesus, seu projeto, prisão, tortura e morte, realidade que ocorria nos porões da ditadura. Em 1968 Plínio Pacheco, com texto escrito por ele em 1956, iniciou a encenação da Paixão de Cristo em Nova Jerusalém, no município de Brejo da Madre de Deus.

O caminho da profissionalização do teatro no estado parece ter início no sucesso de montagens realizadas na segunda metade da década de 70. Em 1975 foi montada CANÇÃO DE FOGO, de Jairo Lima que lotou o teatro; em 1976, Antônio Cadengue dirigiu A LIÇÃO de Eugene Ionesco. Essas experiências estão na origem da Praxis Dramática. A Companhia Praxis Dramática, realização de José Mário Austregésilo e Paulo Fernando Goes, foi fundada em 1976 é representou importante passo para a profissionalização do teatro em Pernambuco, iniciando com a montagem de ESSA NOITE SE IMPROVISA de Luigi Pirandello. Esta foi seguida por GALILEU GALILEI de Bertold Brecht e direção de Milton Bacarelli. Uma sequência de grandes espetáculos como EQUUS garante a chegada dos anos 80 com TAL & QUAL NADA IGUAL, texto de Jomard Muniz Brito e direção de Guilherme Coelho e na comemoração de 10 anos encena VIVA O CORDÃO ENCARNADO de Luiz Marinho. Aqui cabe registrar que a peça Cordão Encarnado recebeu censura e foi bastante criticada no Conselho Estadual de Cultura, presidido por Gilberto Freyre[15]

Podemos ainda mencionar o quanto a poesia e a música foram espaços para a criatividade dos novos. Como não podemos citar a todos, lembremos de Don Tronxo, o grupo Ave Sangria, Marconi Notaro, Alceu Valença, Laíson de Holanda, Lula Cortez e os festivais de música que aconteciam, inclusive nas universidades Quero não deixar passar a oportunidade de lembrar os festivais de Ciranda, iniciados no Bar Cobiçado, no Janga e que serviram de motivo para tornar essa dança coletiva e popular a dança da moda e, que durante anos embelezou o Pátio de São Pedro, local secular tornado, por um tempo, o espaço do turismo em Pernambuco nos anos de 1973 a 1980, seguindo a perspectiva de que a cultura está mais ao serviço do turista, ou eventual praticante, que ao cidadão residente.

Poucos dias antes da prisão, ocorrida em agosto de 1973 escrevi um poema que assim diz: *Recife, minha ilha de água doce, está ficando amargo te ver hoje!* Como essa conversa demonstrou, o amargor da ditadura não impediu a criação artística, o surgimento de expressões do belo, o belo que é a busca de toda a vida humana.

Bibliografia

1. COELHO, Fernando. COELHO, Fernando. *Direita, Volver: O Golpe de 1964 em Pernambuco.* Recife: Editora Bagaço, 2004.

[13] Valdi Coutinho, depoimento ao RECORDANÇA. http://www.recordaca.com.br/?page_id=3732 acessado em 20/04/2014,20:18h.

[14] Biblioteca Itaú. http://www.itaucultural.org.br/ aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=cias_biografia&cd_verbete=8945 acessado em 20/04/2014.

[15] TAVARES, Rosely, Opus cit.

© 2022 Global Journals

2. *Dossiê dos Mortos e Desaparecidos políticos desde 1964.* Amparo Caridade (Organizadora). Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1995.
3. *ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE TEATRO.* http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm
4. FIGUEREDO, Haroldo Morais. *Vigilante Cura: uma educação cinematográfica nos colégios católicos de Pernambuco, 1950-1960.* Doutorado em Educação. Recife: Centro de Educação, UFPE, 2012.
5. INTERPOÉTICA - http://interpoetica.com/site/index.php?option=com_content&view=article&id=703&catid=0
6. Joana Dárc de Sousa Lima, Memórias de Artistas Plásticos, suas obras e o Golpe Civil Militar em Pernambuco: uma arte bem orientada Memórias de Artistas Plásticos, suas obras e o Golpe Civil Militar em Pernambuco: uma arte bem orientada. In *Pernambuco na mira do Golpe,* vol. 1. Marcília Gama da Silva; Thiago Nunes Soares (organizadores), Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.
7. NAPOLITANO, Marcos. *1964, História do Regime Militar Brasileiro.* São Paulo: Editora Contexto, 2014.
8. NOGUEIRA, Armanda Mansur Custódio. *O novo ciclo do cinema em Pernambuco, a questão do estilo.* Dissertação de mestrado, Programa de Pós Graduação em Comunicação, Centro de Arte e Comunicação. Recife. Universidade Federal de Pernambuco, 2009. Mimeo. RECORDANÇA - http://www.recordanca.com.br/? page_id=3732
9. *COMO PROMETEU-* SARMENTO, Natanael; MAGALHÃES, Luiz; VICENTE, Biu. Recife: Edições do autor. 1975
10. TAVARES, Rosely. Entre conciliação e acomodação: ditadura militar e a política cultural em Pernambuco entre 1975-1979 in In *Pernambuco na mira do Golpe,* vol. 1. Marcília Gama da Silva; Thiago Nunes Soares (organizadores), Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.
11. VICENTE, Tâmisa Ramos. *Vamos Cirandar.* Recife: Editora Universitária; Olinda: Associação Reviva. 2001.

© 2022 Global Journals